

A relação entre a história e literatura: uma análise de *Galvez, imperador do Acre*, de Márcio Souza

Maria Aparecida MINEIRO¹
Carlos Henrique Lopes de ALMEIDA²

Resumo: O presente artigo tem como objeto de estudo a obra *Galvez, imperador do Acre*, de Márcio Souza, em que o escritor utiliza acontecimentos históricos para reconstruir o cenário brasileiro durante o Ciclo da Borracha e “presentifica” a maneira como esses são apresentados na literatura. Dessa forma, compreende-se que ao reler a obra literária, regem as necessidades do presente, tais como a compreensão de momentos atuais. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é o de analisar o estudo do romance do autor amazonense, contemplando-o a partir de uma dupla orientação entre os limites do romance histórico e da metaficção historiográfica. Para a realização deste artigo, observa-se a metaficção historiográfica à luz dos estudos de Linda Hutcheon (1991) e de estudiosos que versam sobre o tema. Por outro lado, para tratar o romance histórico na obra de Márcio Souza, valemo-nos fundamentalmente de Lukács (1983).

Palavras-chave: Romance Histórico; Literatura; Metaficção Historiográfica.

Introdução

No presente artigo, será feita uma leitura da obra *Galvez, imperador do Acre*, primeiro romance do escritor amazonense Márcio Souza. A narrativa possui como pano de fundo um acontecimento histórico: a anexação do Acre no final do século XIX e inicia-se com a figura de Luis Gálvez Rodríguez de Arias (1864-1935), aventureiro espanhol envolvido nas disputas de fronteiras cobiçadas por brasileiros e bolivianos.

O enredo da obra, portanto, utiliza um episódio da história para reconstruir o cenário brasileiro em *Galvez, imperador do Acre* e “presentifica” a maneira como esse é apresentado na literatura. Isso porque o autor amazonense revisita o passado e dialoga com a história. Dessa forma, verificaremos o romance a partir de uma dupla orientação entre os limites do romance histórico e da metaficção historiográfica.

¹ Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás – Brasil. Doutoranda em Letras: Linguística e Teoria Literária na Universidade Federal do Pará – Brasil. Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Pará – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2250-5582>. E-mail: mineiro.maria@gmail.com

² Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás – Brasil. Professor da Universidade Federal da Integração Latino-americana – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2037-905X>. E-mail: carloshl.literatura@gmail.com

Vale ressaltar que o Márcio Souza, escritor da Amazônia, mostra e denuncia em seus textos a exploração da Amazônia. Em um de seus escritos, o autor faz uma linha do tempo destacando sobre a exploração desse bioma, tão importante para o Brasil.

Certamente a Amazônia, como prova a sua própria história, é uma região acostumada com a modernidade. Nos 500 anos de presença da cultura europeia, experimentou os métodos mais modernos de exploração. Cada uma das fases da história regional mostra a modernidade das experiências que foram se sucedendo: agricultura capitalista de pequenos proprietários em 1760 com o marquês de Pombal, economia extrativista exportadora em 1890 com a borracha, e estrutura industrial eletroeletrônica em 1970 com a Zona Franca de Manaus (SOUZA, 2022. p. 1)

Assim, o autor comenta sobre a exploração da Amazônia, cujas riquezas têm sido exploradas desde o processo de colonização europeia. Convém destacar que há outras questões envolvidas nesse processo, que por sua vez delineiam a colonização do Norte do país, o Ciclo da Borracha, a questão indígena e social da região.

Em outro momento, o autor destaca ainda como os habitantes da Amazônia lidam com esses problemas recorrentes na Amazônia, que eles “não se assustam facilmente com problemas de modernidade, o que vem provar que a região é bem mais surpreendente, complexa e senhora de um perfil civilizatório que o falatório internacional faz crer” (SOUZA, 2022. p. 1)

Márcio Gonçalves Bentes de Souza (Manaus, Amazonas, 1946) é romancista, ensaísta, dramaturgo, cineasta e jornalista. Em 1965, assumiu a coordenação das edições do governo do Estado do Amazonas, mas logo se mudou para São Paulo e ingressou no curso de ciências sociais da Universidade de São Paulo - USP. Em 1976, assumiu o cargo de diretor de planejamento da Fundação Cultural do Amazonas e publicou seu primeiro romance, *Galvez, Imperador do Acre*.

Não obstante, ao propor a análise do romance do escritor Márcio Souza à luz de um romance histórico e do pós-modernismo, podemos notar que novas relações entre o passado e o presente podem ser postas na narrativa, através do relato de viagem sobre a Amazônia. Nesse sentido, a obra escolhida, *Galvez, imperador do Acre*, de Márcio Souza, será analisada por meio de uma dupla verificação, entre o romance histórico e a metaficção historiográfica. Para isso, primeiramente, são apresentados os conceitos fundamentais sobre o tema norteador do presente artigo, para em seguida, as reflexões acerca da obra analisada.

Da História à Literatura

Percebemos que a ficção e a história perpassam trajetórias comuns, ainda que Aristóteles (2003) fixe que é próprio do historiador registrar o que de fato aconteceu e ao artista o que poderia ter acontecido. Há produções que delineiam um passado construído de maneira obscura acordado com investigações históricas convencionais. Há outras que são forjadas em tropos e se enquadram no que Silva (1978) entende como um dos pressupostos da literariedade. Constroem-se em linguagem polissêmica e deixam transparecer, ao leitor mais astuto, a ironia, o deboche ou questões incisivas sobre determinados momentos históricos.

As relações entre história e literatura, indubitavelmente, envolvem questões bastante complexas e mesmo que as duas disciplinas tenham, conforme Freitas (1986), as suas especificidades, possuem, também, características tais que se torna difícil delimitar o término do domínio da criação com o da história e vice-versa. Essa questão problematiza e extrapola a história pontual ou a literatura em si, em virtude de tratar de dois tipos de fontes, ambas em contraponto. Além disso, do século XIX, antes do advento da “história científica” de Ranke, a história e a literatura eram consideradas como ramos da mesma árvore do saber.

No tocante à literatura, Antonio Candido (1995), de maneira mais ampla, a define como todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Ou ainda,

Mais do que a língua, simples instrumento, o que importa à definição, à caracterização de uma literatura, é a experiência humana que ela transmite, é o sentimento, é a visão da realidade, tudo aquilo de que a literatura não é mais do que a transfiguração mercê de artifícios artísticos. E quando essa realidade, essa experiência, esses sentimentos são novos, a literatura que os exprime tem que ser nova, outra, diferente (COUTINHO, 1976, p. 13).

Assim como o crítico literário cita, a literatura brasileira é caracterizada por essas experiências humanas, pois exprimem a essência brasileira, os sentimentos e as emoções de um determinado tempo e espaço. Portanto, as definições de literatura proposta pelos críticos literários, seja como criação ou como transfiguração, estabelecem uma relação estética com o seu leitor que, utilizando-se da linguagem poética consegue ir além de seu tempo para chegar até o presente do leitor.

De acordo com Freitas (1986), historiadores afirmam que a História é um romance verdadeiro; críticos literários perguntam se há um traço específico formal que distinga a narração de acontecimentos verdadeiramente ocorridos, da narração imaginária. Estabelecendo, assim, uma fronteira vulnerável entre a narrativa e a história.

No século XIX, os laços entre essas duas áreas se estreitam e os dois domínios passam a se confundir e isso ameaça suas especificidades. Todavia com o advento do positivismo, isto é, na segunda metade do século XIX, com a busca de uma verdade objetiva da História através da descoberta de novas fontes e técnicas vem a tentativa de isolar a investigação histórica de outras ciências, e, assim, a obra literária vem a ser encarada como uma espécie de demonstração prática das teorias científicas, pois são pautadas sobre documentos, visando atingir a realidade objetiva dos fenômenos do mundo exterior (FREITAS, 1986).

Contudo, se por um lado, os documentos e testemunhos sobre o qual a História se apoia são suscetíveis de interpretações do historiador; por outro lado, ao tentar descobrir os mistérios da vida do passado, ele se aproxima da literatura. Então, entendemos que a História é uma fonte de permanente inspiração para os romancistas. No século XX a disciplina da história tem sido tradicionalmente estruturada por pressupostos positivistas e empiristas que atuaram no sentido de separá-la de tudo o que tenha sabor do “meramente literário” (HUTCHEON, 1991).

Hutcheon (1991) explica que a ficção não apenas se distingue em relação à história, como também foi considerada como superior desde Aristóteles. O pensador afirma em sua *Poética*, que o artista narra àquilo que poderia ser e a verdade ficcional se encontra na coerência do texto, promotor de uma realidade possível. Isso não inviabiliza, contudo, a presença do fato histórico nas entrelinhas da produção literária ainda que se transfigure. Como se sabe, transfiguração [Do latim *transfiguratione*] é a mudança radical na aparência, na forma, transformação, metamorfose. Ou seja, os discursos literários não modificam os dados históricos apenas os checam, os questionam e sugerem outra leitura que não seja a dominante, a oficial.

O que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou é que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado. (“aplicações da imaginação modeladora e organizadora”). Em outras palavras, o sentido e a forma não estão nos acontecimentos, mas nos sistemas que transformam esses “acontecimentos” passados em “fatos” históricos presentes. Isso não é um “desonesto refúgio para escapar a verdade”, mas um reconhecimento da função de produção de sentido dos construtos humanos (HUTCHEON, 1991, p. 122).

Dessa forma, percebe-se que a ficção e a história possuem sistemas de significação que proporcionam uma visão crítica acerca do passado. Depreende-se que, assim como a teórica canadense afirma, o sentido e a forma estão nesses sistemas que transformam os acontecimentos e trazem à tona esses fatos presentes.

No que tange a história, a partir do século XIX, White (1995) afirma que ela passou a ser contraposta à ficção, e principalmente ao romance, como representação do “possível” ou apenas do “imaginável”. O estudioso ainda explica que assim, nasceu um sonho de discurso histórico que consistisse tão somente nas afirmações factualmente exatas sobre um domínio de eventos. Então, surgiu o objetivo de não valer-se da ficção para a organização do discurso, por conseguinte, representar a história por meio de um caráter autoconsciente.

Portanto, o acontecimento histórico é o que ocupa o lugar de destaque, sendo as personagens e seus dramas individuais mera consequência oriundas da história, vindo a ser um exemplo significativo da estreita relação entre literatura e história. Assim, ao considerar a última como elemento constitutivo da estrutura interna do fazer literário, confirma-se que os dados históricos são distribuídos num conjunto fictício.

Mesmo distintos, história e ficção obtêm suas forças a partir da verossimilhança, mais do que a partir de qualquer verdade objetiva; as duas são identificadas como constructos linguísticos e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa.

Embora ao longo da história da teoria literária, estudiosos defendam a autonomia da literatura em detrimento a uma possível representação da realidade, as referências a uma exterioridade, como afirma Compagnon (2010), apontam o que seria chamado de “ilusão referencial”. Dessa forma, comprometida com a relação entre literatura e história, e com base no contexto histórico, a obra *Galvez, imperador do Acre (1978)*, de Márcio Souza aponta para diferentes dimensões em que a história, seja familiar ou não, adquire, no âmbito ficcional. É nesse apoio que o autor escreve a obra aliada a momentos históricos vividos e acrescenta ficção ao seu enredo, ainda que a maneira aceitável de questionar as relações entre literatura e a realidade é formulá-la em termos de “ilusão referencial” ou como um “efeito do real”.

Por outro lado, seguindo o raciocínio de Compagnon (2010, p. 160), “texto e leitor se dissolvem em sistemas discursivos, que não refletem a realidade, mas são responsáveis pela realidade, tanto a dos textos quanto a dos leitores”. Ou seja, o metaficcionista representa esse viés compreendido pelos momentos em que há dupla participação do texto. Assim, cabe aos leitores a tarefa de decodificar e descodificar esses sistemas, questionar, refletir, levantar suas impressões sobre o assunto.

Nesse sentido, Robert Jauss também destaca em sua teoria (estética da recepção) sobre a importância do leitor como protagonista do momento histórico em que uma obra literária é

produzida. Jauss cita acerca do “horizonte de expectativa dos leitores”, sendo uma ligação importante entre o leitor e a obra, como uma interação que transfigura com o tempo.

A separação entre história e literatura é contestada devido aos inúmeros aspectos que têm em comum, pois ambas podem representar o mesmo acontecimento, materializando os fatos em construtos linguísticos. (VARGAS, 2019) Entretanto, assim como um ficcionista não está isento de propor fatos dentro de sua ficção, da mesma forma ocorre com o historiador que não está livre de tecer ficção em seu discurso.

Por fim, a intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor e também de um desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto. Diante disso, os documentos presentes no romance a ser analisado, em primeira instância, atribui uma preocupação em denominar o vínculo do enredo ficcional com os fatos reais que são suporte dentro do romance. Assim, não dissocia o sujeito leitor do autor e com essas “provas de ilusão referencial” aproximam o leitor da construção que o narrador preparou para que seus leitores permaneçam na dúvida acerca das cenas ocorridas.

Metaficção Historiográfica e o Romance Histórico: aproximações

Durante o início do século XIX, os levantamentos de um novo gênero que imprimia facetas de fatos históricos e apropriação de personagens estava emergindo à luz da receita lukácsiana. O estudioso Lukács menciona que uma narrativa desse gênero se passe antes da época em que vive o escritor para que um romance atinja seu estado de romance histórico.

Sumiya (2016) acredita que um dos gêneros que mais trabalha um caráter híbrido seria o romance histórico, uma vez que ele relaciona literatura e outros discursos tais como: a história, a sociologia, a filosofia, o cinema, as artes plásticas. A pesquisadora ainda menciona que a própria junção dos termos romance, como sinônimo de ficção, e histórico, como sinônimo de verdade, contribui para essa qualidade de interdiscurso; esse que é ligado com a filosofia, cinema, arte plásticas, história, sociologia, entre outras áreas.

O teor ficcional e histórico contribui para a caracterização do que é chamado romance histórico. Lukács situa o nascimento desse gênero no início do século XIX, a partir das narrativas do escocês Walter Scott. Além disso, o define por meio de certas configurações. Uma delas é que as particularidades do tempo histórico deveriam direcionar a ação das personagens. Outra é que o passado representado deve-se apresentar como a pré-condição

concreta do presente. (LUKÁCS, 1983, p.21) A terceira grande característica estabelecida por Lukács é a relegação dos personagens históricos a papéis secundários. De acordo com o autor, o protagonista deveria ser uma síntese do geral e do particular, de todas as determinantes em termos sociais e humanos. Outra distinção é em relação a posição do narrador. No romance histórico clássico, esta é de distanciamento, fala a terceira pessoa, neutra, simulando o discurso historiográfico.

Paradoxalmente, a ficcionalização de personagens históricos, incluindo os “heróis” de Lukács como coadjuvantes, confronta com uma construção mais moderna na contemporaneidade, na qual o protagonista tem várias facetas, assim como todo ser humano. Exemplo disso é a obra a ser analisada *Galvez, o imperador do Acre*, de Márcio Souza, pois o autor brinca com elementos ficcionais, documentos, hipóteses que confirmam além desse ponto, a problemática da “ilusão referencial”.

a única maneira aceitável de colocar a questão das relações entre a literatura e a realidade é formulá-la em termos de “ilusão referencial”, ou, segundo a célebre expressão de Barthes, como um “efeito do real”. A questão da representação volta-se então para a do verossímil como convenção ou código partilhado pelo autor e pelo leitor (COMPAGNON, 2010, p. 107).

Ademais, o romance histórico refere-se aos acontecimentos que têm por objetivo explícito a intenção de promover uma apropriação de fatos históricos definidores de uma fase da História. Contudo, segundo Silva Júnior (2006) o modelo tradicional de romance histórico despontou e teve seu apogeu durante o século XIX. Além disso, segundo o pesquisador, começou a declinar ainda nessa mesma centúria, com o gradual sentimento de desconfiança e descrédito que começou a se formar em torno do modelo de prática historiográfica dominante naquele período (do qual a ficção histórica tradicional é fiel seguidora).

A metaficção historiográfica, conforme os estudos de Linda Hutcheon (1991), apropria de personagens e/ou acontecimentos históricos em relação a ordem da problemática dos fatos concebidos como “verdadeiros”. Dessa forma, esse gênero pós-moderno diferencia-se dos outros, uma vez que provoca a autorreflexão devido ao questionamento das verdades históricas.

A metaficção estabelece a ordem totalizante, só para contestá-la, com sua provisoriade, sua intertextualidade e, muitas vezes, sua fragmentação radical. (HUTCHEON, 1984, p.155) Não obstante, é possível afirmar que a lembrança de um passado, às vezes não tão distante, pode agregar fatos, até então não revelados pelos fios da História, vindo a surgir dentro de meados do romance.

Nesse sentido, o leitor é convocado a participar do processo de feitura da obra, uma vez que lhe cabe o papel de participar dela, configurando-se como narrativas que se voltam para si mesmas. A estudiosa Zênia de Faria (2012) realiza, numa perspectiva teórica, uma introdução a uma revisão da problemática sobre os diversificados estudos feitos nos últimos quarenta anos a respeito desse assunto. Ela afirma que desde o século XVI, no Ocidente, a História Literária registra o surgimento de um tipo de texto ficcional que reflete sobre si mesmo. Ou seja, tais textos demonstravam o desnudamento do processo da escrita e recepção, além de questionamentos ou comentários sobre o processo de produção da narrativa ou de sua recepção. No entanto, apenas a partir dos anos 1970 é que críticos, teóricos e romancistas atribuíram maior atenção sobre essas narrativas.

Um dos aspectos tocados pela pesquisadora Zênia de Faria diz respeito ao leitor: “Uma das grandes diferenças entre a proposta de Hutcheon e as de outros teóricos é sua insistência na participação do leitor, como característica da metaficção. Aliás, para ela, tal participação seria o marco diferenciador entre a metaficção contemporânea e a metaficção existente anteriormente” (FARIA, 2012, p. 245).

Ao analisar o romance do escritor Márcio Souza à luz de um romance histórico e do pós-modernismo, podemos notar que novas relações entre o passado e o presente podem ser postas na narrativa, por meio de alusões textuais, implícitas ou explícitas. Dessa forma, faz-se referência a discursos do tempo presentes na redação.

Um dos principais problemas que esse tipo de romance histórico mais atual propõe é que, em última análise, tanto historiadores como contadores de histórias recontam eventos passados e, para isso, têm que recorrer a outros textos, sejam eles livros, quadros ou filmes (HUTCHEON, 1991, p. 73). Assim, a intertextualidade também se faz presente não só para confirmar os fatos, mas também para agregar ao conteúdo proposto.

Moreira argumenta que um exemplo prático de temática recorrente entre escritores latino-americanos são os horrores das ditaduras recentes. Para a professora, a obra *Em Liberdade* (1981), de Silviano Santiago, rompeu com o paradigma do romance histórico brasileiro devido suas características se basearem em temporalidades que se confundem, os narradores se multiplicarem e a leitura da história, que ao visitar o passado, possibilita também a leitura do presente. Ademais, a obra foi publicada nos anos de chumbo e aborda momentos da história do país, tais como a Inconfidência Mineira e a ditadura militar.

Portanto, a preocupação do século XVIII em relação às mentiras e à falsidade passa a ser uma preocupação pós-moderna em relação à multiplicidade e à dispersão da(s) verdade(s) referente(s) à especificidade do local e da cultura.

Reflexões sobre Galvez, *Imperador do Acre*

Galvez, imperador do Acre (1978) é um romance narrado em primeira pessoa e centra-se em Dom Luiz Galvez Rodrigues de Aria, jornalista e aventureiro. Inicia-se no momento em que o narrador despenca em fuga, da janela de um sobrado e cai sobre Luiz Trucco, cônsul da Bolívia, salvando-o, ironicamente, de um atentado político. A partir de tal acontecimento, Galvez e Trucco tornam-se amigos e o primeiro não só se envolve com movimentos políticos como também se coroa imperador do Acre. Império que se fundamenta em orgias sexuais e bebedeiras cujo referencial se pauta na cultura de além-mar, ou seja, em modelos europeus.

Tal narrativa constrói-se, na Amazônia do século XIX, no auge do ciclo da borracha. Dessacraliza a figura do herói clássico e forja o anti-herói personificado por elementos picarescos. Nessa perspectiva, mistura-se na narrativa a pesquisa histórica sobre o passado e traz à baila elementos que visam inserir o universo amazônico na literatura nacional, por meio de um projeto ficcional.

Nota-se que Souza tem a ditadura militar no Brasil dos anos setenta como cenário em movimento. Época do surgimento das imagens do “milagre econômico brasileiro, do reconhecimento da independência dos países africanos pelo Brasil, do processo de ‘distensão’ política e do controle dos organismos de repressão para conter os excessos” (ABDALA JÚNIOR; CAMPEDELLI, 1986, p. 298)

Por outro lado, a narrativa exhibe a expansão do capitalismo produzido pelo ciclo da borracha, o que motivou não apenas em riqueza, mas, sobretudo, em desigualdade social. O interesse tanto no espaço geográfico quanto economicamente na Amazônia se faz presente para dominar a produção da matéria-prima da borracha.

Nesse âmbito:

O romance, portanto, visa encontrar a totalidade “secreta” da vida, unificando todas as incongruências da situação histórica, de modo que o gênero se define pelo tipo de herói que busca na sua subjetividade, o caminho que nem o mundo dos objetos nem o das normas lhe fornecem pronto, como na epopeia (PERRONE, 2003, p.42).

Nesse sentido, diferente do herói épico que apropriava dos anseios da coletividade, o herói do romance é uma “figura solitária que se debate com um mundo hostil, pois sua interioridade permanece em contínua oposição a realidade exterior”. (FREDERICO, 2013, p. 60). Por conseguinte, no romance analisado, Galvez tinha o objetivo de tomar a região do Acre do domínio dos bolivianos para incorporá-la ao Brasil.

Por cinquenta mil libras eu tinha de conquistar o Acre do domínio boliviano, declarar o território independente, formar um governo e tentar o reconhecimento internacional. Quando tudo estivesse resolvido, meu governo solicitaria a anexação ao Brasil. Minha nacionalidade afastaria qualquer suspeita de participação brasileira. Quanto à forma de governo, eles não se importavam (SOUZA, 1978, p.177).

Nesse viés, o romance histórico promove uma apropriação de fatos históricos definidores de uma fase da História de determinada comunidade humana. Não obstante, além de utilizar desse aspecto, esse gênero recupera o passado e reverbera-o em um futuro. Por isso, “pode se dizer sem exagerar, que na América Latina, o romance histórico não apenas explica, mas funda a identidade nacional.” (AINSA, 2003, p. 129)

Como se vê, a formação da identidade nacional é posta em xeque também no romance *Galvez, imperador do Acre*. Para ilustrar esse fato, podemos citar o momento em que ele rompe laços que o prendiam à Bolívia para futuramente anexar essa região ao Brasil. Em um dos trechos do romance, o narrador protagonista afirma: “eu estava livrando o Acre da tutela boliviana e brasileira, formando um Estado Independente, conforme o combinado”. (SOUZA, 1978, p. 147). Dessa forma, tal qual D. Pedro I, ele reproduz o grito da independência “Pátria e Liberdade! Viva o Acre Livre! Viva a Revolução!” (SOUZA, 1978, p. 147).

Por tal enfoque, a obra nos remete a um passado histórico, o qual nos lembra da independência do próprio país. Vale ressaltar que o personagem é coroado imperador em 14 de julho, chefe das forças revolucionárias pelo Acre independente.

Para Canedo (2016), sob o ponto de vista da literatura, e mais especificamente do romance, a finalidade do labor, da criação estética, sobretudo na elaboração dos romances de ficção histórica, é dar ao leitor uma captação do passado e, por reverberação desta, dar a compreender, também, o presente. No que tange a recuperação do passado, a obra do amazonense Márcio Souza retrata não apenas o fato historiográfico, mas também proporciona as influências do mesmo na vida das personagens.

Sobre o autor em questão, assim como Gunter Pressler caracteriza sobre a reminiscência a Dalcídio Jurandir, “tirar do esquecimento da história da literatura, da história dos vencedores, a história dos vencidos (Walter Benjamin),” quer dizer, um autor chamado

“regionalista menor”; Márcio Souza também pode ser denominado assim. Dessa forma, cabe refletir a despeito disso, afinal

O que diferencia uma grande obra literária de uma obra menor? Certamente em primeiro lugar a sua sobrevivência. Mas o que segura a sua sobrevivência? Muitas narrativas orais, canções populares e poemas recitados sobrevivem de geração em geração pelo fato da tradição oral. Uma obra escrita, tanto um poema épico quanto um romance/novela de cavalaria sobrevive como artefato (livro) e como referência em poéticas e histórias da literatura; sobrevive pelo fato simples da releitura em que o leitor posterior da obra descobre mais afinidade com a obra do que o próprio contemporâneo da obra ou, em outras palavras, o avanço histórico e suas mudanças culturais, técnicas e sociais permitem o leitor posterior compreender neste seu instante a genialidade daquela obra, sua vanguarda desconhecida. (PRESSLER, 2006, p.11)

Em suma, não se pode desconsiderar que, ao permitir que o leitor permaneça na linha tênue da dúvida e da incerteza quanto à ficcionalidade ou não dos fatos narrados, se realmente aconteceram, o autor permite questionamentos quanto à veracidade dos fatos, confirmando um viés da metaficção de ultrapassar o papel do leitor como organizador da interpretação da narrativa. Por outro lado, a necessidade de compreender o presente por tal narrativa confirma um aspecto do romance histórico.

Considerações finais

O presente trabalho se propôs a refletir sobre as relações paradoxais entre literatura e história, na obra *Galvez, imperador do Acre*, de Márcio Souza de forma a identificar como esses itens são inseridos na narrativa do escritor. Além disso, observaram-se os acontecimentos históricos para reconstruir o cenário brasileiro durante o Ciclo da Borracha.

Além disso, ao propor a análise da obra citada, buscou-se refletir sobre os espaços que vão dialogando entre si, desde o romance histórico até a metaficção historiográfica, uma vez que essa tessitura com esse gênero nos permite uma leitura precisa no contexto. Dessa forma, investigar as possibilidades de imbricamento da história, ficção e literatura com suas correspondências, constitui-se como o auge da pesquisa.

Convém salientar que o momento histórico: a integração do Acre no final do século XIX interfere na vida das personagens ao ponto de reverberar a disputa de fronteiras, que eram cobiçadas por bolivianos, brasileiros e americanos. Não obstante, esse fato tece o sentido da obra ficcionalizada e há a totalidade, uma vez que o pano de fundo não é estático.

Podemos afirmar que Márcio Souza não descarta o fingimento poético, isso porque ao despertar o leitor com elementos reais, ele acrescenta novas versões para os acontecimentos.

Desse modo o autor possibilita a pluralidade, estabelecendo várias verdades, as quais se opõem ao discurso oficial dos acontecimentos tido como único e verdadeiro.

Por fim, o romance do autor amazonense desenvolve elementos caracterizadores que vão ao encontro de teorias do romance histórico e da metaficção historiográfica. Entretanto, sua desconstrução narrativa, uso frequente do humor, da paródia questionam a historiografia oficial. Portanto, no plano ficcional, é promovido uma atividade crítica e contestatória sobre este mesmo discurso, uma vez que não o assimila como verdade preestabelecida, mas sim como forma de presentificação do passado.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamim; CAMPEDELLI, Samira Yousef. **Tempos de literatura brasileira**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

AINSA, Fernando. **De la novela de la historia a la novela histórica**. In: Reescribir el pasado: historia y ficción en la América Latina. Mérida: CELARG/Ediciones El otro, el mismo, 2003.

ARISTÓTELES. **Arte Poética**: texto integral. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.

CANEDO, Rogério Max. **O romance histórico da colonização**: a figuração artística transgressiva do passado em *O tetraneto del-rei*, de Haroldo Maranhão, *A gloriosa família*, de Pepetela, e *As naus*, de António Lobo Antunes. Tese (Doutorado em Literatura). Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília. 2016.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 3ªed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COUTINHO, A. **Conceito de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura Comparada: reflexões sobre uma disciplina acadêmica**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 8, p. 41-58. ABRALIC, 2006.

FARIA, Zênia de. A metaficção revisitada: uma introdução. **Signótica**, v. 24, n. 1, p. 237-251, jan./jun. 2012.

FREDERICO, Celso. **Lukács e a defesa do realismo**. Cerrados, v. 24, n. 39, Brasília, 2013. p. 108-117.

FREITAS, Maria Tereza de. **Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux**. São Paulo: Atual, 1986.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. **Narcissistic Narrative: the metafictional paradox**. New York: Methuen, 1984.

- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- LUKÁCS, Georg. **The Historical Novel**. Trad. Hannah e Stanley Mitchell. Lincoln e Londres: Universidade do Nebraska, 1983.
- PERRONE, Claudia Maria. Lukács: a imitação da vida. In: BORDINI, Maria da Glória. (org.) **Lukács e a literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003
- PIRES, José Cardoso. **Balada da praia dos cães**. 5 ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.
- PRESSLER, Gunter K. Dalcídio Jurandir -Escrita do Mundo Marajoara não é regional, é universal. In: LEITE, Marcus. (Org.) **Leituras Dalcidianas**. Belém: UNAMA. 2006, p. 10-11.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1978.
- SILVA JÚNIOR, Renato Otero da. **Galvez, imperador do Acre: O Discurso do Romance e a ficcionalização da História**. Dissertação (mestrado em Letras). Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande. 2006
- SOUZA, Márcio. Amazônia e modernidade. **Estudos avançados**, v. 16, p. 31-36, 2002.
- SOUZA, Márcio. **Galvez, imperador do Acre**. Rio de Janeiro: Editora Brasília/Rio, 1978.
- SUMIYA, Cleia da Rocha. O romance histórico no Brasil: um breve panorama da produção ficcional. **Letrônica**. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 150-164, janeiro-junho 2016. e-ISSN 1984-4301.
- VARGAS, Andrea Quilian de. **Tropical Sol Da Liberdade. Metaficção Historiográfica?** (UFSM). Disponível em: < <http://editora.pucrs.br/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/8.pdf>> Acesso em: 18 jul. 2019.
- WHITE, Hayden. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. Tradução de José L. de Melo. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1995.

The relationship between history and literature: an analysis of *Galvez, imperador do Acre*, by Márcio Souza

Abstract: This article analyses *Galvez, imperador do Acre*, by Márcio Souza. He uses historical events to reconstruct the Brazilian scenario during the Amazon rubber cycle and the way these are written in literature. Rereading the literary work, the needs of the present govern, such as the understanding of current moments. In this sense, the purpose of this study is to analyze the study of the novel of the Amazonian author, contemplating it from a double orientation between the limits of the historical novel and the historiographical metafiction. As theoretical reference, we will use Linda Hutcheon (1991) and Lukács (1983) to study about the historiographical metafiction and the historical novel, respectively.

Keywords: Historical Novel; Literature; Historiographical Metafiction.

Recebido em 30 de abril de 2023
Aprovado em 13 de junho 2023
Publicado em 09 de agosto de 2023